

Análise de contingências a partir dos relatos de pessoas transgênero em um livro autobiográfico

*Analysis of contingencies from the reports of transgender
people in an Autobiographical book*

*Análisis de contingencia a partir de los relatos de personas
transgénero en un libro autobiográfico*

*Samir Vidal Mussi**
*Fani Eta Korn Malerbi***

Resumo

A situação de pessoas transgênero é alarmante no mundo e, particularmente, no Brasil. Em 2017, foi publicado o livro Vidas trans: a coragem de existir, por quatro escritores transgênero brasileiros. O presente trabalho teve o objetivo de analisar os relatos desses autores, com vistas a identificar as principais contingências de reforçamento presentes nessas histórias. Constatou-se que grande parte das contingências que controlaram os comportamentos dessas pessoas transgênero foram coercitivas, gerando comportamentos de esquiva e respostas emocionais que limitaram o acesso a reforçadores positivos. Além disso, também foi possível depreender pelo relato dos autores que ao terem entrado em contato com reforçadores positivos após a transição de gênero, eles passaram a ter mais controle sobre seus comportamentos. A análise dos relatos evidencia a necessidade de redução de práticas coercitivas no controle de comportamentos de pessoas transgênero.

Palavras-chave: *Análise do Comportamento; Controle Coercitivo; Transexualidade; Identidade de Gênero; Transgênero.*

* Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. E-mail: samirmussi@gmail.com

** Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. E-mail: fanimalerbi@gmail.com

Abstract

*The world wide situation of transgender people is alarming, particularly in Brazil. In 2017, the book *Vidas trans: a coragem de existir*, was published by four transgender Brazilian writers. The present study aimed to analyze the reports of these authors, in order to identify the main contingencies of reinforcement present in these stories. It was found that a large part of the contingencies that controlled the behavior of these transgender people were coercive, generating avoidance behaviors and emotional responses that limited access to positive reinforcers. In addition, it was also possible to infer from the authors' report that when they came into contact with positive reinforcers after the gender transition, they began to have more control over their behaviors. The analysis of the reports demonstrates the need to reduce coercive practices to control the behavior of transgender people.*

Keywords: Behavioral Analysis; Coercive Control; Transsexuality; Gender Identity; Transgender.

Resumen

*La situación de las personas transgénero es alarmante en el mundo y, particularmente, en Brasil. En 2017, el libro *Vidas trans: a coragem de existir*, fue publicado por cuatro escritores transgénero brasileños. El presente estudio tuvo como objetivo analizar los relatos de estos autores, con el fin de identificar las principales contingencias de refuerzo presentes en estas historias. Se descubrió que gran parte de las contingencias que controlaban el comportamiento de estas personas transgénero eran coercitivas, generando conductas de evitación y respuestas emocionales que limitaban el acceso a los reforzadores positivos. Además, también fue posible inferir del informe de los autores que cuando entraron en contacto con reforzadores positivos después de la transición de género, comenzaron a tener más control sobre sus comportamientos. El análisis de los relatos muestra la necesidad de reducir las prácticas coercitivas en el control del comportamiento de las personas transgénero.*

Palabras clave: Análisis del Comportamiento; Control Coercitivo; Transexualidad; Identidad de Género; Transgénero.

Para maior compreensão deste estudo, faz-se necessário o esclarecimento de alguns termos ainda não comuns na nossa cultura, como por exemplo identidade de gênero, transgênero, transexual, travesti, não binário, cisgênero e cissexismo. A identidade de gênero de uma pessoa geralmente refere-se a como o indivíduo se entende e se expressa, podendo condizer ou não com o sexo biológico (Green, & Mauer, 2015; Eiras, 2019; Lau, 2020).

Uma pessoa *transgênero* ou *transexual* é aquela que não se identifica com o seu sexo biológico, diferenciando-se de uma pessoa *cisgênero*, cujo gênero pelo qual se expressa condiz com o seu sexo biológico (Green, & Maurer, 2015; Lau, 2020). Transgênero refere-se a uma variedade de identidades de gênero, englobando pessoas que foram identificadas como sendo do sexo masculino no nascimento, mas que se identificam com o gênero feminino (travestis) e pessoas que não se identificam com nenhum gênero especificamente (chamadas *não binárias*) (Austin, & Craig, 2015; Austin, Craig, & D'Souza, 2018; Green, & Maurer, 2015; Lau, 2020).

Segundo alguns autores, a caracterização do gênero de acordo com o sexo biológico é considerada uma regra cissexista, que invalida outras expressões de gênero (Blumer, Gavriel Ansara, & Watson, 2013; Catelan, Costa, & Lisboa, 2017). Essa invalidação geralmente é o resultado da aplicação de práticas punitivas presentes nos ambientes familiares, escolares e profissionais (Heck, 2017).

A situação dramática de pessoas transgênero é alarmante no mundo e em especial no Brasil. Segundo uma pesquisa realizada pela Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA) em 2018, do total de assassinatos de travestis e transexuais no mundo, 41% ocorreram no Brasil (Benevides & Nogueira, 2019). Foram 163 assassinatos, sendo 158 travestis e mulheres transexuais, quatro homens transgênero e uma pessoa não-binária. Essas pessoas assassinadas tinham idades entre 17 e 29 anos (média = 26,4 anos). Mais da metade delas (65%) tinham a prostituição como fonte de renda. Além disso, 53% dos assassinatos foram causados por armas de fogo, 21% por arma branca e 19% por espancamento, asfixia e/ou estrangulamento. Ainda no ano de 2018, oito pessoas transgênero se suicidaram e cinco morreram ao tentarem injetar silicone industrial no próprio corpo para “adequá-lo” ao gênero com o qual se identificavam. Do total de matérias jornalísticas que noticiaram esses crimes, 37% não respeitaram o gênero com o qual as vítimas se identificavam (Benevides & Nogueira, 2019).

O alto índice de mulheres transgênero que se prostituem nessas estatísticas sobre crimes deve estar associado ao fato de que essas pessoas frequentemente abandonam a escola após serem alvo de *bullying*, o que provavelmente dificulta a sua inserção no mercado de trabalho na vida

adulta (Benevides & Nogueira, 2019; Rodríguez Molina, Asenjo Araque, Becerra Fernández, Pérez, & Jesús, 2013). É comum pessoas que pertencem a minorias sociais não terem escolarização adequada e serem repreendidas social, política e economicamente (Sidman, 1995). Assim, são excluídas do grupo social e impedidas de se desenvolverem. Isso pode ser explicado pelo fato de que ambientes em que a punição ocorre (escola, família, trabalho) provavelmente tornam-se também punidores, o que contribui para que as pessoas reajam reduzindo a frequência das respostas punidas e/ou apresentando respostas de esquivas, as quais serão reforçadas negativamente (Sidman, 1995).

Pode-se afirmar que o impacto da cultura cissexista também afeta o contexto familiar, visto que há dados mostrando que pessoas transgênero frequentemente são expulsas de casa por volta dos 13 anos de idade (Benevides & Nogueira, 2019; Rodovalho, 2017). Os filhos geralmente deixam as casas dos pais quando a atenção familiar em forma de punição é mais frequente do que em forma de reforçamento positivo. Na maioria das famílias isso acontece provavelmente porque formas alternativas para lidar com a situação não foram aprendidas (Sidman, 1995).

Atualmente, preocupações acerca dos direitos de pessoas transgênero têm tido mais destaque na política e na mídia. Embora ainda haja muito a melhorar, medidas atuais, como a permissão para alterar o nome e o sexo nos documentos em qualquer cartório do Brasil (Otoni, 2018) e a equiparação da transfobia ao racismo (Coelho, 2019) podem ser consideradas estratégias que têm o potencial de melhorar a qualidade de vida dessas pessoas.

No meio acadêmico, alguns estudos avaliaram os comportamentos de pessoas transgênero empregando instrumentos de medida como questionários, testes e escalas para descrever a topografia dos comportamentos (Barišić *et al.*, 2014; Heylens *et al.*, 2014; Simon, Zsolt, Fogd, & Czobor, 2011). No entanto, esses estudos não avaliaram as contingências de reforçamento presentes nos ambientes nos quais vivem essas pessoas, e esse é um aspecto fundamental quando se quer planejar intervenções ou maneiras eficazes para lidar com os problemas enfrentados por pessoas transgênero.

Em 2017, quatro escritores transgênero brasileiros (Moira, Nery, Rocha, & Brandt, 2017) publicaram o livro *Vidas trans: a coragem de existir*. Trata-se de um livro autobiográfico no qual os autores relatam suas experiências relacionadas com a condição transgênero. O presente trabalho analisou os relatos desses autores, com vistas a identificar as principais contingências de reforçamento presentes nessas histórias de vida.

Os autores do livro analisado identificaram-se com os nomes que escolheram: Amara Moira, João Nery, Márcia Rocha e Tarso Brant.

Amara Moira, que foi considerada menino ao nascer, descreveu-se como travesti e bissexual. É doutora em teoria crítica literária pela Unicamp. Não relatou a idade que tinha quando escreveu o livro.

O falecido João Nery, considerado menina ao nascer, descreveu-se como homem transexual. Era psicólogo e consultor em gênero e sexualidade e foi o primeiro homem brasileiro transgênero a realizar a Cirurgia de Redesignação Sexual (CRS), em 1977. Tinha 67 anos quando escreveu o livro e faleceu em 2018, de câncer. Teve um importante papel social no auxílio a muitas pessoas transgênero, através dos livros, palestras e consultorias pelo Brasil.

Márcia Rocha, considerada menino ao nascer, descreveu-se como travesti. É empresária, advogada e integrante da Comissão da Diversidade Sexual da OAB, seção São Paulo, com assento no Comitê de Direitos Sexuais da *World Association Sexual Health*. Realizou pós-graduação em educação sexual e não relatou a idade que tinha quando escreveu o livro.

O quarto autor, Tarso Brant, que foi considerado menina ao nascer, descreveu-se como um homem transgênero. É modelo e ator de cinema e de TV e tinha 24 anos quando escreveu o livro.

Após várias leituras do livro, as situações de vida relatadas pelos quatro autores foram identificadas e transcritas de acordo com as similaridades entre elas. Para compreensão e análise destas situações foi usado o referencial da Análise do Comportamento, procurando-se identificar as contingências de reforçamento que provavelmente controlaram os comportamentos descritos por esses autores relacionados às suas identidades de gênero. Dentro desta abordagem, as contingências de reforçamento

englobam contingências filogenéticas (comuns à espécie), ontogenéticas (relacionadas à história de vida do indivíduo) e sociais (comuns à cultura) (Hunziker, 2017).

Alguns relatos dos autores referem-se ao momento em que começaram a discriminar que seus gêneros eram diferentes dos respectivos sexos biológicos. A identificação dessas diferenças descrita pelos quatro autores é frequentemente acompanhada pela nomeação de sentimentos.

Amara Moira relatou memórias sobre brincadeiras na infância, em que, escondida dos familiares, usava roupas da irmã:

Por onde começa uma história, minha história, sendo eu travesti? Vasculho os porões da memória atrás de indícios de que eu já fosse o que sou, de que eu já tivesse essa consciência, então encontro flashes de quando eu pegava terços da casa e punha em volta do pescoço como se fosse colar... as tantas vezes que brinquei escondido com as bonecas da minha irmã ou mesmo quando vesti suas roupas sem que ninguém visse... (Moira et al., 2017, p. 17).

Márcia Rocha¹ ressalta o quanto o universo feminino a atraía desde a infância:

Seria sempre o “tal” menino para o mundo, podendo ser ele mesmo, sozinho, apenas em casa no espelho. Afinal, ele nasceu travesti, ainda que por décadas não tivesse consciência disso. Tudo o que era feminino o atraía sempre... Tudo que revestia as mulheres e que ele via no dia a dia, assim como trejeitos, o andar, o falar, o jeito de ser, refletiam algo que havia dentro de si. Nunca foram os objetos que o atraíam, mas aquilo que revestiam em um simbólico que só podia ser plenamente satisfeito se revestissem e fossem expressos em seu próprio corpo (Moira et al., 2017, p. 102).

De acordo com João Nery, ser tratado no masculino era importante e o contrário disso era motivo de tristeza:

(Na infância) Tratava-me no masculino e eu vivia essa fantasia praticamente o dia todo, feliz da vida. Até no diário dela (Irmã), que eu lia escondido,

1 No livro, Márcia Rocha trata a si mesma em terceira pessoa e no masculino até o momento em que descreve a transição de gênero. Após esse período, ela passa a relatar em primeira pessoa e no feminino.

corrigia o gênero quando falava sobre mim... Fui uma criança só e triste, não conseguia entender por que me tratavam como menina (Moira et al., 2017, p. 65).

Tarso Brant descreveu um estranhamento quando percebeu que o tratamento que recebia da sua família não condizia com a autopercepção do seu gênero:

Mas o que eles não sabiam é que, diferente do meu estado físico de menina, eu nasci menino. E não estamos falando somente da aparência, mas, sim, de essência (alma). Um sentimento de estar em um corpo com o qual você não se identifica... Eu era diferente, e a cada dia crescia em mim um sentimento muito forte de liberdade. Liberdade para ser o que eu quisesse. Porém, ainda não sabia como nem por quê?... Meus pais faziam de tudo para me enfeitar e me empurrar para o universo das meninas. Era raro o dia em que meu pai não me trazia um vestido (Moira et al., 2017, p. 139).

Esses trechos ilustram o uso da punição ou ameaça dela para controlar os comportamentos de pessoas transgênero que a cultura não aprova – neste caso, os comportamentos avaliados como não condizentes com o sexo biológico. São exemplos de como a nossa cultura influencia as práticas educativas no contexto familiar, impedindo os indivíduos de se vestirem ou de se autodenominarem de acordo com o gênero com o qual se identificam.

Ter usado roupas de menina “sem que ninguém visse” contrariando as expectativas, como relatou Amara Moira, provavelmente teve a função de evitar uma consequência punitiva, uma vez que a família a tratava como menino. Os sentimentos de solidão relatados por Márcia Rocha e João Nery talvez sejam subprodutos de um controle coercitivo, baseado em punição.

Diante desse cenário, também é possível refletir sobre como o autoconhecimento é construído pelas pessoas transgênero. Não apenas os estímulos exteroceptivos, públicos, acessíveis à comunidade controlam o comportamento verbal de um determinado indivíduo. Alguns estímulos com os quais entramos em contato são acessíveis apenas para nós. Tais estímulos ocorrem, para usarmos uma expressão de Skinner (1974), “sob a nossa pele” e, nesse sentido, são privados.

Os seres humanos apresentam o comportamento de tatear eventos privados da mesma maneira que o fazem para eventos públicos. Segundo Skinner (1957), não há nada de misterioso ou de metafísico neste caso; o fato é que cada orador possui um mundo de estímulos privados pequeno, mas importante.

Poderíamos indagar de que forma a comunidade consegue instalar tal repertório verbal, uma vez que a sua aquisição depende de um procedimento de reforçamento diferencial de respostas verbais frente a estímulos privados (e, portanto, acessíveis apenas ao indivíduo em relação ao qual esses eventos ocorrem). Skinner (1957) ofereceu uma resposta a essa questão supondo que a comunidade verbal ensina os indivíduos a relatarem eventos privados, empregando quatro estratégias, todas baseadas em acompanhamentos públicos (quer de estímulos, quer de respostas), associados aos eventos privados. Essas estratégias poderiam ser empregadas em várias combinações, dependendo do comportamento a ser ensinado.

Pelo fato de não ter acesso aos eventos privados de um indivíduo, a comunidade nem sempre consegue estabelecer um repertório preciso de descrições de eventos privados. No caso de pessoas transgênero, a comunidade verbal geralmente se baseia em estímulos aparentes para ensiná-las a se descreverem de acordo com o seu sexo biológico. Quando essas pessoas passam a se comportar de uma forma não esperada, parece que a comunidade tenta “corrigir” os “desvios”, e geralmente isso é feito utilizando práticas punitivas. Isso fica evidente no relato de Tarso: “Do que adianta falar se elas não vão te compreender?” (Moira et al., 2017, p. 137).

Os quatro autores do livro analisado no presente trabalho chamaram atenção do leitor para o controle da cultura sobre eles. Amara Moira comentou o fato de que a cultura atribui um gênero para uma criança antes que ela tenha desenvolvido uma consciência de si: “Disseram-me homem antes que eu me entendesse por gente” (Moira et al., 2017, p. 19). De acordo com Skinner (2003), uma das principais técnicas usadas no controle do grupo sobre o indivíduo se refere à avaliação de um comportamento como certo ou errado.

Tarso Brant escreveu que “Desde cedo senti essa “o-pressão” da sociedade, mas não queria afirmar nada” (Moira et al., 2017, p. 150). Márcia

Rocha tratou a escassez de informações por parte das pessoas como uma forma de controle: “Essa sonegação de informações (sobre o que é identidade de gênero) era proposital, uma forma de controle pela manutenção de uma estrutura de poder baseada na ignorância, na culpa e no medo de punições” (Moira et al., 2017, p. 110). Para Amara Moira, comportar-se e vestir-se como homem se tornou algo condicionado pelo meio em que vivia e talvez tenha sido modelado pelas consequências aversivas. Isso pode ser observado pelos seus comentários:

A vida inteira me disseram homem, e não foi muito difícil perceber que, se não fosse o homem que me criaram para ser, eu muito provavelmente estaria em apuros. Castigos, abandono, chantagem emocional, tudo era válido em se tratando de me fazer ser quem eu era (Moira et al., 2017, p. 17).

Ser homem para mim era quase um comportamento obsessivo compulsivo, mecânico, doença a que fui sendo condicionada... O medo de sofrer violência, primeira coisa que me ensinaram, primeira coisa que ensinam uma criança a temer, era muito maior do que a vontade de descobrir quem eu era. Escolha? Não sei bem se podia pensar em escolha, bloqueio talvez, travas, adestramento sistemático para você sequer perceber a máscara que puseram em seu rosto quando nasceu e, caso um dia perceba, não ousar jamais perguntar-se o que há por trás dela. No caso de pessoas trans, isso se torna um processo efficientíssimo de enlouquecimento, a criação para o medo junto a uma vida inteira ouvindo que a compreensão que você faz de si é equivocada, impossível, já que você tem o genital que tem (Moira et al., 2017, p. 18).

De acordo com o relato de Márcia Rocha, é possível perceber a intensidade da punição para os comportamentos diferentes daqueles esperados para um menino:

Já aos 12 anos, “montava-se” inteiro. Escondido no quarto, olhava-se no espelho e simplesmente sentia que aquela imagem representava o que havia de mais íntimo em sua alma. Algo ainda sem nome ou explicação, algo de que não se falava, que não se mencionava senão em maldosas piadinhas que ele escutava na boca de todos, fazendo com que soubesse que precisava se esconder completamente do mundo à sua volta. Ele levava dentro de si algo proibido, ele era algo proibido, mortalmente proibido! (Moira et al., 2017, p. 103).

João Nery relatou ter entrado em contato com as punições por se expressar de acordo com a sua identidade de gênero quando ainda era criança: “Começaram a me chamar de Maria-homem na pracinha em que brincava perto de casa. Quando me xingavam de Paraíba pela primeira vez na escola, eu já tinha 16 anos e não entendi. Alguém me explicou: é o mesmo que mulher-macho” (Moira et al., 2017, p. 63).

Tarso Brant descreveu uma situação muito semelhante àquela relatada por João Nery, ressaltando que apresentava respostas de esquiva de contatos sociais:

Fui alvo de muitos comentários do tipo “olha a Maria João”, “agora mudou de time” (Moira et al., 2017, p. 153). Jogar sozinho era uma opção para não me socializar. Sentia-me constrangido quando as pessoas questionavam meu modo de ser e me vestir (Moira et al., 2017, p. 142). Quando me “revelava” Tereza, eu ida de lindo à “coisa”, “aberração”, “esquisito”! (Moira et al., 2017, p.157).

A exposição a contingências aversivas foi um fator frequente nos relatos dos quatro autores do livro analisado. Essas experiências provavelmente geraram comportamentos de esquiva. Contingências de reforçamento negativo presentes nos ambientes podem tornar as pessoas tensas e incapazes de aprender, “levando uma vida de quieto desespero” (Sidman, 1995, p.109). Isso é sugerido pelo relato de Amara Moira a respeito dos subprodutos experimentados como efeito colateral da exposição aos eventos aversivos:

Devo ignorar o que eu sinto, me conformar com o destino que essa genitália decretou, abrir mão de tentar existir para o mundo da forma como existo para mim? Segui este mandamento o quanto pude, até que viver começou a deixar de fazer sentido se fosse para continuar sendo uma personagem (Moira et al., 2017, p. 18).

Alguns comportamentos que foram descritos pelas autoras Amara Moira e Márcia Rocha tinham provavelmente uma função de esquiva de eventos aversivos. Ambas salientaram que, sem esses comportamentos de

esquiva, muito provavelmente não teriam tido acesso a outros reforçadores, como ascensão profissional e condições dignas de trabalho. Veja-se o relato de Amara Moira:

A descoberta tardia da minha transgeneridade me possibilitou também um monte de blindagens e a possibilidade de negociar em melhores termos a minha aceitação. Não se teria conseguido chegar ao doutorado caso transicionasse na adolescência ou no começo da vida adulta (Moira et al., 2017)p. 33).

Nesse aspecto, Márcia Rocha chamou atenção para os riscos à sua integridade física caso não tivesse se esquivado por um período: “Me “manter no armário” ao longo dos anos, me montando apenas dentro de casa, onde sabia que estaria muito mais segura, foi uma forma de proteger minha integridade física e social” (Moira et al., 2017, p. 130).

O comportamento de se esquivar nem sempre é desadaptado, uma vez que ele pode evitar situações de perigo (Sidman, 1995). Conforme já citado, o Brasil não é um país seguro para pessoas transgênero, visto o alto índice de assassinatos. Os relatos das autoras Amara Moira e Márcia Rocha sugerem que seus comportamentos relacionados às identidades de gênero estavam sob o controle de contingências aversivas. Uma sociedade ideal seria aquela em que pessoas transgênero pudessem viver sem sofrer punições às suas identidades de gênero, e pudessem ter mais acesso a reforçadores positivos.

As contingências aversivas identificadas nos relatos dos quatro autores do livro analisado parecem ter também impactado negativamente a percepção deles quanto aos seus corpos. A comunidade verbal não apenas discrimina as características físicas do corpo e as usa como critério para nomear o gênero de uma criança, mas também ensina as crianças a fazerem o mesmo. No caso de pessoas transgênero, isso pode ser motivo de sofrimento, na medida em que passam a emparelhar as características do seu corpo ao gênero imposto pela cultura que diverge daquele auto percebido. Isso pode ser observado na seguinte descrição feita por Amara Moira:

Não à toa hoje é tão difícil a relação com meu genital... olhar para ele, saber que ele me habita é me lembrar também do que me ensinaram a ver ali, prova irrefutável de que sou homem, de que era preciso eu ser homem...

isso me ensinou, desde cedo, a responsabilizar meu corpo por não poder ser quem sou e, nisso, odiar meu corpo, começando pela genitália. (Moirá et al., 2017, p. 18)

A puberdade parece ter sido uma fase difícil para todos os autores do livro analisado. O impacto hormonal acentuou as características físicas atribuídas ao gênero com o qual os autores não se identificavam. É interessante notar que a transformação corporal na puberdade impacta as relações que cada indivíduo estabelece com o meio. Em uma cultura cissexista, as próprias pessoas transgênero passam a avaliar seus corpos como “errados”, como descreveu João Nery: “Meu corpo mentia contra mim... Com a vinda da “monstruação” e dos terríveis hormônios, aumentando ainda mais a distância, entre meu corpo feminino e o meu gênero masculino” (Moirá et al., 2017, p. 65-66).

Márcia Rocha relatou as comparações que costumava fazer com as meninas com quem convivia: “Entre os 13 e os 14 anos, as diferenças começaram a ficar mais evidentes. Os corpos das meninas mudavam rapidamente, já desenvolviam seios, ganhavam curvas, transformando-se em corpos que não eram iguais ao dele” (Moirá et al., 2017, p. 103).

Tarso Brant nomeou os sentimentos que experimentou ao olhar o próprio corpo após os efeitos dos hormônios femininos:

Era assim que eu me sentia o me olhar sem camisa no espelho. Aqueles peitos não me pertenciam! Eles me incomodavam de tal maneira que eu tinha vontade de arrancá-los. Mas, como não chegava ao extremo, me conformava em apenas escondê-los de todas as maneiras que podia! (Moirá et al., 2017, p. 158).

As mudanças corporais também parecem ter sido fontes eliciadoras de respondentes, e provavelmente evocaram comportamentos de esquiva de situações que para pessoas cisgêneras costumam ser reforçadoras, como engajar-se em relações sexuais, conforme relata João Nery: “Nem pensar em transar com aquela mulher. Estava ótimo assim, ela me vendo como um homem, me querendo, mas eu completamente sem estrutura para tirar a roupa ou contar minha história” (Moirá et al., 2017, p. 76).

Segundo Amara Moira, qualquer possibilidade de contato com o genital era eliciadora de respostas aversivas: “Corpo todinho travado, avesso a toques em regiões íntimas, barriga, virilha, saco, não suportando sexo oral em mim. Toques nessas regiões podiam arruinar a continuidade da transa: era preciso muito cuidado para ter uma relação sexual comigo” (Moira et al., 2017, p. 29).

Um dos efeitos colaterais da punição é que qualquer elemento que no passado levou à punição pode se tornar ele mesmo um estímulo aversivo (Sidman, 1995). Ser tocada nas partes íntimas parece ter funcionado como uma punição para a Amara Moira. Uma cultura que pune os comportamentos relacionados à identidade de gênero que se afastam da cisgêneridade como norma pode explicar a escassez de pessoas que se definem como transgênero. Essa escassez também deve estar relacionada com a falta de modelos transgênero. Amara Moira nos contou a sua experiência ao perceber pela primeira vez uma mulher transgênero:

Roberta Close passa a ter um rosto para mim, mais do que um rosto na verdade, um corpo, corpo que até aquele momento me parecia impossível, corpo que por toda a vida me fizeram acreditar impossível... Roberta Close me mostrou de forma concreta que genitália não precisa ser destino (Moira et al., 2017, p. 21).

João Nery, o mais velho dos quatro autores, relatou nunca ter visto alguém como ele antes: “Não conhecia ninguém igual a mim. Não era hétero, não era homo, era trans. Mas eu também não sabia o que era ser trans. Eu só sabia que era diferente. Precisava me reinventar mais uma vez” (Moira et al., 2017, p. 67). Márcia Rocha, da mesma forma que João Nery, percebia-se diferente, porém não tinha informações sobre o que estava acontecendo, sobre o que era ser transgênero: “Não havia informações. Aquilo que acontecia com ele simplesmente não era mencionado ou jamais nomeado (lembrando que esta autora se referia na terceira pessoa masculina até a página 114; deste momento em diante ela muda o relato passando a se descrever na primeira pessoa como mulher) (Moira et al., 2017, p. 105).

Tarso Brant descreveu como o contato com pessoas transgênero pode ter servido como estímulo discriminativo para seu próprio processo

transicional: “Conheci o grupo FTM (Feminino Trans Masculino) por indicação de um amigo... “Caramba! Não sou o único, isso é uma coisa que é reversível, dá pra eu mudar a minha aparência!” (Moira et al., 2017, p. 163). João Nery também relatou a sua avaliação de que o quanto compartilhar sua história ajudou outras pessoas: “O compartilhamento da minha história possibilitou a muitas pessoas se identificarem comigo ou identificarem seus amigos e parentes, dentre outros” (Moira et al., 2017, p. 60).

Derdyk e Groberman (2004), empregaram a expressão “efeito desinibitório” para descrever o fortalecimento de uma resposta por meio da observação de um modelo. Poderíamos aplicar essa expressão para denominar o que pode acontecer quando uma pessoa que não se identifica com o seu sexo biológico observa um modelo de uma pessoa que se transicionou de gênero. Daí a importância de pessoas transgênero terem representatividade nos setores sociais. Após algumas experiências comportando-se e vestindo-se de acordo com a sua identidade de gênero, os reforçadores positivos associados a essa nova condição parecem ter adquirido mais controle sobre os comportamentos dos quatro autores do livro analisado do que as contingências aversivas. É possível notar isso no relato de Amara Moira:

Lá estava eu indo para Brasília encontrar uma mulher que me ajudaria a descobrir meu eu feminino. Passei uma semana com ela, sendo tratada somente no feminino (Melyssa, o nome que ela me deu), ela indo comigo comprar roupas, me fazendo provar lá mesmo, na frente daquelas pessoas todas atônitas, me ensinando a andar de salto, a fazer as unhas, o corpo livre de pelos pela primeira vez, primeira vez que eu pude usar brincos. O mundo que se abria aos meus olhos era maravilhoso, e eu queria tudo pra ontem (Moira et al., 2017, p. 39).

A partir do relato de João Nery é possível observar o quanto ser notado como homem era reforçador para ele: “...eu e Vera mais à frente. Um casal de velhos passou por nós e comentou como formávamos um lindo par. O que me marcou naquele ato foi ter sido o primeiro elogio à minha figura masculina” (Moira et al., 2017, p. 71).

Márcia Rocha escreveu que experimentava um sentimento de liberdade quando se comportava de acordo com a sua identidade de gênero:

Ficar no computador tinha se tornado um verdadeiro hobby, já que dentro de casa, sentado de frente para aquela tela e vestido com suas roupas de mulher, ele podia se ver desamarrado de seu personagem, vivendo em plenitude o seu “eu” interior. Ali ele podia ser livre! (Moira et al., 2017, p. 108).

Tarso Brant também relatou ter sentido felicidade como um subproduto da experiência de estar mais próximo da sua identidade de gênero:

Eu não queria aceitar, mas o fato de ter cortado o cabelo me deixou mais próximo do que eu sabia que existia dentro de mim, do que eu realmente era. Não era fácil me desprender dos meus medos, convivendo com tantos conceitos machistas desde criança... Feliz com aquela nova imagem, queria logo sair por aí, ouvir a opinião das pessoas, ver a reação delas ao me ver (Moira et al., 2017, p. 152).

É interessante notar como os quatro autores do livro analisado relataram que, após experiências vivendo de acordo com as suas identidades de os eventos aversivos pareciam não controlar mais os comportamentos de se expressarem como gostariam, ainda que as consequências aversivas permanecessem. Isso pode ser observado nos relatos de Amara Moira:

Ela (amiga) começou, então, a superprodução. Pó para cá, lápis para lá, só sei que duas da manhã ela acabou, buscou a peruca que me trouxe de presente, lindíssima, e, quando eu olho no espelho, quase caio para trás. Primeira vez que vi Amara no espelho, mulher, tudo que faltava para eu me jogar de cabeça... De manhã meus pais me buscariam na rodoviária, em Campinas, e eu queria que me vissem desse jeito, queria que vissem em pessoa a pessoa que eu me tornara, Amara... e assim que meus pais a (avó que estava no carro) deixaram em sua casa, minha mãe começa a chorar convulsivamente. Mas eu estava feliz demais para me deixar abalar e determinada a não retroceder sob hipótese alguma, quanto mais por chantagem emocional (Moira et al., 2017, p. 48-49).

E de Márcia Rocha:

A urgência de se assumir falou mais alto, e Marcos decidiu que não poderia mais esperar. Então contou a esposa que precisava se assumir de vez, passando a se travestir de mulher fosse dentro ou fora de casa... Ele não podia voltar atrás. A cada pequena mudança em seu corpo, em suas atitudes, em sua pele... havia um enorme reforço à sua identidade, um prazer de finalmente

ser que não poderia mais ser ignorado. Era libertação total ou a aceitação de que sofreria pelo resto dos seus dias por estar vivendo uma vida que não era sua (Moira et al., 2017, p. 112).

João Nery ressaltou o quanto a cirurgia de redesignação sexual (CRS) foi importante para ele, deixando-o mais feliz com o próprio corpo:

Estava exultante com os resultados. Até chamava Amanda para me ver urinar... Senti a alegria de poder olhar no espelho e se reconhecer. De poder se olhar e se ver sem máscara alguma, de passar as mãos pelo corpo e não sentir “aquilo” que nos constrange e incomoda desde o início da nossa adolescência (Moira et al., 2017, p. 77-87).

Para Tarso Brant, a transição de gênero também foi considerada reforçadora, conforme afirma o autor: “Hoje não tenho mais nenhuma restrição ao meu corpo. Hoje me aceito da forma que sou: um homem trans” (Moira et al., 2017, p. 170).

Os relatos apresentados enfatizam a importância da experiência de pessoas transgênero assumirem sua identidade de gênero para acessarem reforçadores fundamentais positivos. Uma vez realizada a transição de gênero, os quatro autores relataram o quanto passaram a se sentir mais felizes com seu corpo e sua vida. Quando o ambiente ganha reforçadores positivos a vida das pessoas se torna mais gratificante, a aproximação das pessoas pode se fortalecer e a fuga diminuir de frequência. Além disso, o aprendizado vem de consequências produtivas e não destrutivas (Sidman, 1995).

Entretanto, as novas contingências passaram a exigir dos autores outras habilidades de enfrentamento. Amara Moira relata ter sofrido punições semelhantes às sofridas por mulheres cisgêneras em uma cultura machista, porém com acréscimos de outras punições sofridas por pessoas transgênero em uma cultura transfóbica:

Não havia lugar onde não olhassem para mim, pescoços todos sempre se voltando para acompanhar os meus movimentos, não importa onde estivesse, risos, piadas, xingamentos, eu precisando aprender a não ver que me viam, a não escutar o que diziam, como forma de proteção... Assédio passa a ser experiência cotidiana, mãos me apalpando no metrô em São

Paulo, bocas surgindo em meu ouvido com propostas obscenas, invasivas. Um beijo roubado a força numa festa e, de repente, o infeliz se dá conta de que sou travesti, me empurra longe, e eu fico o resto da noite com medo de ele aparecer com amigos e querer me espancar (a culpa sempre da travesti, ela que enganou o rapaz) (Moira et al., 2017, p. 53, 54).

Márcia Rocha também chama atenção do leitor para a punição social sofrida:

Tudo se torna diferente quando isso acontece, das coisas mais simples até as mais complexas. Alguém reclamará se eu usar o banheiro? Como fingir que não percebo olhares e cochichos ao pisar no mesmo clube que sempre frequentei por toda a minha vida? Como reagir ao espanto das pessoas quando minha filha me chama de pai na loja de roupas? (Moira et al., 2017, p. 117).

Por ser o autor com mais idade, João Nery viveu num período em que o nome social e alterações nos documentos não eram permitidos. Por esse motivo, relata ter tomado uma medida para modificar ilegalmente os documentos. Assim, somaram-se mais estímulos aversivos, pois, com esta mudança de nome ilegal, ele perdeu os diplomas e passou a viver na ilegalidade de ter dois documentos:

15 dias depois já tinha um nome masculino. Como consequência virei um analfabeto, perdendo meu diploma e meu histórico escolar. Agora eram dois crimes cometidos: o da cirurgia ilegal e ser portador de dois CPFs, um de mulher e outro de homem (Moira et al., 2017, p. 74).

Esse relato evidencia o fato de que estar em acordo com a identidade de gênero era um fator positivo para o autor, apesar de a mudança nos documentos ter tido implicações sérias para ele.

Outro fator que merece destaque é o apoio familiar. Os quatro autores relataram a ocorrência desse apoio, não muito comum à população trans. Amara Moira descreveu o apoio do pai diante da família: “O mesmo pai que seis meses depois chamou a família e publicamente reconheceu sua admiração por mim, pela forma como me assumi e dizendo ainda que a partir daquele dia ia me chamar de Amara” (Moira et al., 2017, p. 51).

Para João Nery, a família, mesmo não entendendo muito o que acontecia, forneceu-lhe apoio e isso foi considerado importante por ele: “Talvez a solidariedade alimentada entre nós, diante de inimigos externos tão duros, tenha contribuído para minha família sempre me apoiar, mesmo quando não me entendia ou, ainda, na infância e adolescência, querendo que eu virasse mocinha” (Moira et al., 2017, p. 65).

Para Márcia Rocha, que disse que sonhava em ter filhos, o apoio da filha foi muito importante: “Em pouco tempo a questão de minha filha foi se encaixando. Com 17 anos, Giulia decidiu continuar morando comigo, e a aceitação foi tanta que logo começou a trazer as amigas para casa” (Moira et al., 2017, p. 116).

Segundo Tarso Brant, o apoio dos pais também foi muito importante:

Eles me ouviram calados e aceitaram minha decisão com aquela expressão de que já esperavam uma atitude minha desse tipo mais cedo ou mais tarde... lá estavam meus pais me apoiando como sempre, dispostos a passar por cima de tudo e até se expor para me ver feliz comigo mesma (Moira et al., 2017, p. 164, 165).

Embora os quatro autores tenham relatado apoio familiar, essa não é a realidade de maioria das pessoas transgênero. É comum essas pessoas perderem o contato com a família. Isso pode ser explicado pela influência de concepções culturais a respeito de gênero e sexo impostas a esses familiares. Após o processo de transição de gênero, parentes costumam relatar sentimento de perda, tristeza, culpa, vergonha, traição, ansiedade, negação, raiva e depressão (Norwood, 2012).

Outro ponto importante de apoio e comumente relatado pelos quatro autores refere-se aos atendimentos que receberam de profissionais de saúde. Amara Moira descreveu uma experiência aversiva com uma psicóloga durante o período de transição de gênero:

Minha psicóloga... acompanhava encantada... a minha transformação a olhos vistos, roupas, feições, gestos, linguagem, mas nada de conseguir me chamar de Amara. Eu contava de amigos que superaram preconceitos antigos e começaram a me tratar no feminino, pelo novo nome, e ela respondia: Que lindo Omar. Eu queria a morte. Um dia lhe perguntei por mensagem de celular a razão, e ela não soube me responder, pediu paciência. Pedi que, na próxima

sessão, ela ao menos evitasse esse nome e me tratasse no masculino, mas eram diálogos tão forçados, artificiais, ela contorcendo as palavras para não marcar gênero, que eu acabei dizendo não dar mais conta. Mas, se você tem tanta segurança do que é, por que eu te chamar no masculino te abala tanto?, ela me pergunta ao final. Nem me dei ao trabalho de responder. Quando saí dali, enviei mensagem dizendo que só voltaria para uma nova consulta se ela garantisse que me chamaria de Amara. Ela me deixou um recado de voz pedindo novamente paciência e mais uma vez me chamando de Omar (Moira et al., 2017, p. 53).

Para João Nery, talvez devido às regras vigentes no período em que viveu, um dos motivos para o receio de alguns profissionais emitirem documentos eram as possíveis punições da época:

Começava ali um longo processo de exames e avaliação psiquiátrica obrigatória... Os profissionais envolvidos tinham receio de sofrer algum tipo de punição, incluindo a perda do diploma. Foi esse um dos motivos que o psiquiatra não quis me dar o laudo, mesmo depois de seis meses de psicoterapia (Moira et al., 2017, p. 73).

Diferentemente dos relatos de Amara Moira e de João Nery Márcia Rocha elogiou o psicólogo que lhe prestou assistência:

Talvez por coincidência do destino ou apenas pura sorte, nessa mesma época, conheceu um psicólogo que seria de extrema importância para seus próximos passos, o qual começaria por lhe explicar duas coisas simples, mas que trariam uma grande mudança na sua maneira de olhar os outros e principalmente a si mesmo: a diferença entre orientação sexual e identidade de gênero... percebeu também como essa falta de informação era prejudicial a todos, causando insegurança, confusão e dor (Moira et al., 2017, p. 110).

Há dados mostrando que frequentemente pessoas transgênero sofrem discriminação em serviços de saúde mental (Austin & Craig, 2015). As experiências relatadas por Amara Moira e João Nery evidenciam a necessidade de melhor preparo de profissionais de saúde para lidarem com pacientes transgênero.

Um ponto comum nos relatos dos quatro autores que merece destaque refere-se à militância – ou a luta por direitos para pessoas trans – descrita como importante na vida dos autores. Amara Moira afirmou: “Participar

da militância vai me mostrando que era possível eu sentir orgulho de mim, não mais vergonha e desejo de punição, aí pouco a pouco vou encontrando propósito na vida” (Moira et al., 2017, p. 43). Márcia Rocha relatou que participa de organizações internacionais: “Entrei de vez no ativismo e não parei mais, me dedicando incansavelmente a estudar sobre as questões trans em todo o mundo” (Moira et al., 2017, p. 119).

Para Tarso Brant, o acesso à informação pode ser um caminho importante para outras pessoas transgênero: “Preciso de conhecimento para ajudar as pessoas, ser um apoio para elas na causa transexual” (Moira et al., 2017, p. 170).

Tendo falecido no ano de 2018, João Nery permanece como modelo e referência sobre o tema no Brasil, pois escreveu outros livros, além do citado neste artigo e fez conferências e palestras pelo país afora. A seguir, um trecho de uma mensagem virtual recebida pelo mesmo e publicada no livro analisado no presente trabalho:

Meu pai agora me chama de filho graças a ti... obrigado por me fazer sair do armário, você é luz... sua viagem agora é solidária... graças a seu livro iniciei minha terapia hormonal... obrigado por ter conseguido retirar da minha alma o corpo que por meio século ficou emprestado a ela... eu que, por algumas vezes, já quis me matar, hoje posso dizer como é bom estar vivo para ler sua história (Moira et al., 2017, p. 59).

De acordo com o que foi descrito pelos autores do livro analisado, a militância parece funcionar não apenas como uma forma de oferecer um modelo para outras pessoas transgênero, mas também de afirmar a identidade de gênero em uma cultura cissexista.

CONCLUSÕES

A partir da análise dos relatos das pessoas transgênero que escreveram o livro *Vidas trans: a coragem de existir*, foi possível identificar contingências aversivas comuns que possivelmente controlaram os comportamentos dos autores. Do ponto de vista comportamental, é bastante vantajoso identificar as possíveis variáveis de controle e não apenas a

topografia das respostas, pois isso permite um controle mais eficaz sobre o comportamento. A Análise do Comportamento pode contribuir para a melhora da qualidade de vida de pessoas transgênero, disponibilizando formas de controle comportamental alternativas à punição.

Conclui-se que uma abordagem mais efetiva na redução do sofrimento das pessoas transgênero implica o reconhecimento dos comportamentos de fuga/esquiva como sendo mantidos por um ambiente coercitivo e o emprego ~~treino~~ de intervenções que empreguem reforçadores positivos por agências de controle da nossa cultura.

AGRADECIMENTOS

Aos autores Amara Moira, João Nery, Márcia Rocha e Tarso Brant, por compartilharem suas experiências ao publicarem um livro autobiográfico e por servirem de modelo para outras pessoas transgênero. Agradecemos também à Amara Moira, Sheila Salewski, Tarso Brant, Márcia Rocha e Ana Carolina Borges pela leitura deste trabalho.

REFERÊNCIAS

- Austin, A., & Craig, S. L. (2015). Transgender affirmative cognitive behavioral therapy: Clinical considerations and applications. *Professional Psychology: Research and Practice, 46*(1), 21.
- Austin, A., Craig, S. L., & D'Souza, S. A. (2018). An AFFIRMative cognitive behavioral intervention for transgender youth: Preliminary effectiveness. *Professional Psychology: Research and Practice, 49*(1), 1.
- Barišić, J., Milosavljević, M., Duišin, D., Batinić, B., Vujović, S., & Milovanović, S. (2014). Assessment of self-perception of transsexual persons: pilot study of 15 patients. *The Scientific World Journal, 1*, 5.

- Benevides, B., & Nogueira, S. N. B. (2019). *Dossiê: Assassinatos e violência contra travestis e transexuais no Brasil em 2018*. Recuperado de <https://antrabrazil.files.wordpress.com/2019/01/dossie-dos-assassinatos-e-violencia-contra-pessoas-trans-em-2018.pdf> em 03/03/20.
- Blumer, M. L., Gavriel Ansara, Y., & Watson, C. M. (2013). Cisgenderism in family therapy: How everyday clinical practices can delegitimize people's gender self-designations. *Journal of Family Psychotherapy*, 24(4), 267-285.
- Catelan, R. F., Costa, A. B., & Lisboa, C. S. d. M. (2017). Psychological interventions for transgender persons: a scoping review. *International Journal of Sexual Health*, 29(4), 325-337.
- Coelho, G. (2019). *Supremo Aprova Equiparação de Homofobia a Crime de Racismo*. Recuperado de <https://www.conjur.com.br/2019-jun-13/stf-reconhece-criminalizacao-homofobia-lei-racismo> em 03/03/20.
- Derdyk, P. R., Groberman., S S. (2004). Imitação. Em C. N. Abreu, H. J. Guilhardi. *Terapia Comportamental e Cognitivo-Comportamental - Práticas Clínicas* (pp. 102-110). São Paulo: Editora Roca.
- Eiras, N. (2019). *Entenda a Diferença entre Sexo Biológico, Gênero e Orientação Sexual*. Recuperado de <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2019/06/27/entenda-a-diferenca-entre-sexo-biologico-genero-e-orientacao-sexual.htm> em 03/03/20
- Green, E. R., & Maurer, L. (2015). *The Teaching Transgender Toolkit: A Facilitator's Guide to Increasing Knowledge, Decreasing Prejudice & Building Skills*. Ithaca: Planned Parenthood of the Southern Finger Lakes.
- Heck, N. C. (2017). Group psychotherapy with transgender and gender nonconforming adults: evidence-based practice applications. *Psychiatric Clinics of North America*, 40(1), 157-175. doi:10.1016/j.psc.2016.10.010
- Heylens, G., Elaut, E., Kreukels, B. P., Paap, M. C., Cerwenka, S., Richter-Appelt, H., ... De Cuyper, G. (2014). Psychiatric characteristics in transsexual individuals: multicentre study in four European countries. *The British Journal of Psychiatry*, 204(2), 151-156.

- Hunziker, M. H. L. (2017). Considerações sobre o modelo de seleção pelas consequências: o que mudou em 28 anos? *Interação em Psicologia*, 20(3), p. 310 - 318.
- Lau, H. D. (2020). *Pelo Direito e Orgulho de ser Heterossexual no Terceiro Domingo de Dezembro*. São Paulo: Pimenta Cultural.
- Moira, A., Nery, J. W., Rocha, M., & Brant, T. (2017). *Vidas trans: A coragem de existir*: Bauru: Astral Cultural.
- Norwood, K. (2012). Transitioning meanings? Family members' communicative struggles surrounding transgender identity. *Journal of Family Communication*, 12(1), 75-92.
- Otoni, L. (2018). *CNJ Serviço: Como fazer a troca de nome e gênero em cartórios*. Recuperado de <http://cnj.jus.br/noticias/cnj/87222-cnj-servico-como-fazer-a-troca-de-nome-e-genero-em-cartorios> em 03/03/20.
- Rodovalho, A. M. (2017). Cis By Trans. *Revista Estudos Feministas*, 25, 365-373.
- Rodríguez Molina, J. M., Asenjo Araque, N., Becerra Fernández, A., Pérez, L., & Jesús, M. (2013). Guía de entrevista para el análisis funcional de conductas en personas transexuales. *Papeles del Psicólogo*.
- Sidman, M. (1995). *Coerção e suas Implicações*. Campinas: Editorial Psy.
- Simon, L., Zsolt, U., Fogd, D., & Czobor, P. (2011). Dysfunctional core beliefs, perceived parenting behavior and psychopathology in gender identity disorder: A comparison of male-to-female, female-to-male transsexual and nontranssexual control subjects. *Journal of Behavior Therapy and Experimental Psychiatry*, 42(1), 38-45.
- Skinner, B. F. (1957). *Verbal Behavior*: New York: Appleton-Century-Crofts.
- Skinner, B. F. (1974). *Sobre o Behaviorismo*. Trad. M. P. Villalobos. São Paulo: Cultrix.
- Skinner, B. F. (2003). *Ciência e Comportamento Humano*. Vol. 10. São Paulo: Martins Fontes.

Recebido em 28/08/2019

Aceito em 31/05/2020